

Recursos do método psicanalítico diante do intraduzível¹

Resources of the psychoanalytic method before the untranslatable

Autoras:

Kenia Ballvé Behr²

Beatriz Camargo dos Santos³

Coautoras:

Mariana Lutz Biazi⁴

Clarissa Salle de Carvalho⁵

Resumo

O presente artigo apresenta considerações sobre o tema do *intraduzível* a partir dos desenvolvimentos teóricos de Jean Laplanche, como aquilo que permanece no psiquismo sem tradução, impossibilitando a organização de um espaço que promova recomposições psíquicas e permita um ordenamento do psiquismo. Além disso, são apresentados desenvolvimentos teórico-clínicos de Silvia Bleichmar e Christophe Dejours, voltados para a intervenção em patologias não neuróticas, que demandam alterações da técnica clássica freudiana, para atender as especificidades dessas patologias.

Palavras-chave: Laplanche; Bleichmar; Dejours; intraduzível; patologias não neuróticas; arcaico.

1 Publicado pela primeira vez na *Revista Percurso*, número 65, ano 2021, pp. 65-78.

2 Psicanalista, fundadora e docente da Constructo Instituição Psicanalítica, editora da Constructo Revista de Psicanálise, fundadora do Grupo Jean Laplanche Brasil.

3 Psicanalista, membro do Corpo Docente da Constructo Instituição Psicanalítica.

4 Psicanalista, membro associado da *Constructo Instituição Psicanalítica*, membro da comissão editorial da Constructo Revista de Psicanálise.

5 Psicanalista, membro associado da Constructo Instituição Psicanalítica, membro da comissão editorial da Constructo Revista de Psicanálise, graduada em Ciências Humanas pelo *Quincy College* (EUA).

Abstract

This article presents some remarks on the topic of the untranslatable departing from the theoretical developments of Jean Laplanche, as what remains in the psyche without translation, turning it impossible to organize a space that promotes psychic recompositions and allows an ordering of the psyche. Moreover, it presents theoretical/clinical developments by Silvia Bleichmar and Christophe Dejours which aim at a clinical approach to non-neurotic pathologies that demand substantial changes in the classic Freudian technique so to meet the specificities of these pathologies.

Keywords: *Laplanche; Bleichmar; Dejours; untranslatable; non-neurotic pathologies; archaic.*

Introdução

Constituindo um novo paradigma para a psicanálise, os estados não neuróticos se apresentam na clínica a partir de manifestações que propõem um desafio à teoria e à técnica psicanalítica clássicas propostas por Freud, uma vez que se mostram como estruturas psíquicas que não se organizam a partir do predomínio do recalçamento. Essas estruturas apresentam características peculiares que evidenciam funcionamento mais arcaico que aquele presente em sujeitos com dominância neurótica, uma vez que estamos diante de um aparelho psíquico incipiente, que teve seus processos de constituição e complexização dificultados por vivências extremamente traumáticas.

A vivência dessas situações, à maioria das vezes muito cedo na vida, é lugar comum das patologias não neuróticas. Situações traumáticas que, diferentemente das produzidas pelo encontro do *infans* com o adulto, constitutivas, se tornam impossíveis de serem metabolizadas, justamente por sua intensidade associada à prematuridade que ocorrem. Esse traumático fica marcado, impossibilitado de fazer parte de uma trama psíquica, não se constituindo como representação simbólica.

A investigação sobre o tema do *intraduzível*, como aquilo que, no psiquismo, permanece bloqueado, em estado bruto e sem poder estabelecer conexões, impedindo a organização de um espaço que promova recomposições que permitam ao paciente um ordenamento psíquico, torna-se uma via de compreensão que pode abrir portas para a proposição da clínica de patologias que se situam na esfera não neurótica.

O intraduzível

Acompanhando o pensamento de Jean Laplanche (1992), reportamo-nos ao *modelo tradutivo do recalçamento*, concebido pelo autor no marco de sua Teoria da Sedução Generalizada. A

partir da *Carta 52/112* (FREUD, 1896/1991, pp. 274-280) da correspondência de Freud com Fliess o autor encontrou as bases para a formulação da ideia de tradução. Esse documento propõe que o material mnêmico estaria sujeito de tempos em tempos a rearranjos/retranscrições, que se dão em diferentes tempos da vida e, na fronteira entre essas fases, o material psíquico deve ser traduzido gerando uma nova inscrição. Seria uma espécie de programa, em que inicialmente se geram as percepções que, em si, não conservam nenhuma marca do fato, seguidas pelos *signos de percepção*, primeira inscrição das percepções. Laplanche se pergunta como a pura percepção já poderia prover signos? Se se tratasse somente da percepção de objetos inanimados, só teríamos indícios e, se fossem apenas indícios, marcas factuais, como poderiam ser propostos para uma primeira tradução pelo sujeito? O autor atribuiu, então, o signo de percepção, essa primeira inscrição no aparelho psíquico, ao significante enigmático, “exatamente como ele se deposita antes de toda tentativa de tradução” (LAPLANCHE, 1992, p. 132). Essas inscrições serão retranscritas na tentativa de traduzi-las, o que nem sempre vai ocorrer em função de falhas na tradução, sendo o recalçamento concebido como uma delas.

A partir dessas primeiras observações sobre o texto freudiano, Laplanche passa a desenvolver suas ideias sobre a “sedução originária”, o que o levou a concluir que “o ser humano é e não cessa de ser autotradutor e autoteorizante. O recalçamento originário não é mais que o primeiro momento e fundador de um processo que dura toda a vida” (*Id., ibid*, pp. 132-133).

A situação universal que está no início da relação inter-humana, denominada por ele como sedução originária, inaugura a atividade tradutiva, que dá início ao processo de autoteorização do ser humano. No entanto, sendo tentativas que sempre fracassam parcialmente, deixam atrás de si elementos não traduzidos, constituintes dos primeiros rudimentos do inconsciente recalçado, que se singularizam como fonte de excitação autônoma: *objetos-fonte da pulsão*, como foram denominados por Laplanche; objetos que, antes de serem fonte, foram trazidos do exterior pelo adulto. Dessa forma, a tradução funda o inconsciente sexual e a tópica psíquica, assim como dá origem a um nível pré-consciente, em especial ao EU, e nesse sentido, “a tradução das mensagens do outro adulto é essencialmente historização mais ou menos coerente” (LAPLANCHE, 2015, p. 195).

Essa tendência tradutiva do *infans* tem origem no encontro deste com o adulto desde os inícios da vida, o que por si só tem efeito traumático, já que recebe do adulto *mensagens enigmáticas* que vêm através dos cuidados autoconservativos que o mesmo exerce para a sobrevivência do pequeno ser, mas que também veicula na mensagem o sexual, que tem origem no seu próprio inconsciente recalçado. As pulsões sexuais do adulto são despertadas intensamente, embora ele não se aperceba disso e, na situação de sedução, esse pulsional irrompe indo do seu inconsciente até o outro, até o bebê, mesmo este sendo alguém que ainda não tem inconsciente.

A criança tenta então traduzir e historizar essas mensagens em seus aspectos sexuais e enigmáticos,

sendo que sua tentativa de traduzir surge de uma metabolização que lhe é própria, organizada a partir de ligações que se originam na cultura e lhe são oferecidas pelo adulto. O psiquismo incorpora esses elementos que não são equivalentes ao objeto de proveniência.

O conceito de metábola em Jean Laplanche contribui muito para essa ideia. Mostra a desqualificação entre o inconsciente da criança e o desejo do adulto, sendo proposto como desqualificação e recomposição metabólica. É uma metáfora do modo como os elementos ingressam num sistema por sua decomposição e recomposição, o que explicita que o desejo do adulto não surge tal e qual, nem constitui o inconsciente da criança, a não ser através de formas metabólicas.

Com a noção do enigma aparece uma evidência de ruptura do determinismo, na medida em que o emissor da mensagem enigmática ignora a maior parte do que quer dizer e, na medida em que a criança só possui meios inadequados e imperfeitos de teorização do que lhe é comunicado, acabando desqualificada qualquer causalidade lineal entre o inconsciente e o discurso parental, por um lado, e o que faz a criança com isso, por outro lado (LAPLANCHE, 1996, p. 161).

O inconsciente não é o discurso – desejo do outro, justamente em função do duplo metabolismo que o sexual sofreu nesse percurso: deformação na mensagem comprometida do adulto e, depois, na criança receptora, na verdade um trabalho de tradução que remaneja completamente a mensagem implantada, um estranho metabolismo que, como todo metabolismo, é individual e implica decomposição e recomposição (LAPLANCHE, 2015, pp. 195-196).

Essa tradução da criança será dificultada ou impedida porque vem do outro, um sujeito de inconsciente, como referimos acima, mas também porque a criança não possui os códigos necessários para fazer tal tradução. E não haverá tradução se não existirem códigos. Confrontado às mensagens enigmáticas do adulto, o pequeno hermenauta não consegue traduzi-las utilizando os códigos que tem à sua disposição, que são códigos autoconservativos (*Id., ibid.*, pp. 201-202). Para traduzir o aspecto sexual da mensagem adulta precisa recorrer a novos códigos. Os mesmos estão ao seu alcance no meio familiar e na cultura, servindo como auxílio à tradução. É o outro que oferece os meios para teorizar, ajudando o *infans* a ligar, simbolizar e traduzir as mensagens enigmáticas a ele endereçadas pelo adulto, sem o que ficaria no desamparo diante da tarefa de conter o sexual traumático que o invade e ataca (*Id., ibid.*, p. 206).

Estamos, então, frente a um processo que, ao mesmo tempo, configura-se como experiência traumática que desorganiza, mas também constitui o sujeito num movimento de autoapropriação, que é resultado desse processo tradutivo, e poderá possibilitar, em um segundo tempo, metabolizações, perlaborações psíquicas e, assim, a incorporação dessas mensagens a uma trama passível de rearranjos futuros que permitem a constituição das instâncias psíquicas.

A sedução tem como base o que Laplanche denomina *situação antropológica fundamental*, da

qual o ser humano não pode escapar.

é a relação adulto-criança, adulto-*infans*: o *adulto*, que tem um inconsciente tal qual a psicanálise o descobriu, um inconsciente sexual, essencialmente feito de resíduos infantis, um inconsciente perverso no sentido dos *Três ensaios*; a *criança* que não tem disposições sexuais genéticas, que não tem ativadores hormonais da sexualidade (LAPLANCHE, 2015, p. 106).

A *teoria tradutiva do recalque* de Laplanche propõe que, se uma parte da mensagem puder ser traduzida, permitindo a criação do Eu e do pré-consciente, sua parte intraduzível (sexual desligado) inaugura o inconsciente recalcado, dividindo a tópica e tornando possível a produção de derivados, sintomas e sublimações, permitindo um funcionamento psíquico baseado no conflito entre os sistemas – um funcionamento normal-neurótico, que se dá pelo processo de *implantação* do sexual.

Por outro lado, temos os traumas psíquicos que são de outra ordem, que deixam a criança exposta a uma excitação que, por sua natureza e intensidade, pode impedir qualquer tentativa de metabolização, tornando impossível seu domínio e a elaboração psíquica. Disse Freud, em 1920, que diante da excitação excessiva que pode levar à destruição, o sujeito não tem como reagir, ficando bloqueado em sua capacidade de ligação, motivo pelo qual repetirá de forma compulsiva a situação traumatizante na tentativa de finalmente dominar as quantidades, ligá-las, para delas se desvencilhar. A capacidade de ligação do traumatismo foi proposta por ele como a relação entre o afluxo de excitação e a capacidade ligadora do EU (FREUD, 1920/1991).

Laplanche apresenta o conceito de *intromissão* para compreender o processo pelo qual o trabalho de metabolização ficaria obstaculizado, impedindo a tradução dessas excitações e o domínio das quantidades excessivas. Segundo ele,

“enquanto a implantação permite ao indivíduo uma recaptura ativa, com sua dupla face tradutivo-recalcante, deve-se dar lugar a um processo que obstaculiza essa recaptura, dificulta as diferenciações entre as instâncias em vias de formação e põe no interior um elemento rebelde a qualquer metábola” (LAPLANCHE, 1996, p. 106).

Trata-se de um fracasso radical do processo tradutivo, em que nada pode ser traduzido, permanecendo a mensagem original sem trabalho psíquico algum, dando origem ao que ele denomina *inconsciente encravado*, espaço da não tradução, uma espécie de *limbo* onde permaneceriam todas as mensagens não traduzidas (aquelas que sofreram fracasso radical e também aquelas à espera de uma tradução); um segundo inconsciente, separado por clivagem do inconsciente sexual recalcado, o qual se constitui pela dinâmica da tradução parcial da mensagem e que deixa restos não traduzidos. A modalidade principal de defesa do inconsciente encravado não é o recalque, mas a recusa, motivo pelo qual fica, segundo

Laplanche, “à flor da consciência”, sendo mais facilmente sujeito à desestabilização e à irrupção (*Id., ibid.*, pp. 196-199).

É o componente extremamente violento da mensagem sexual do adulto que cria esse bloqueio, impedindo qualquer movimento de metabolização por parte do pequeno ser. Essas mensagens que ingressam pela via da intromissão, não *comprometidas*, mas *habitadas sem distância* pelo inconsciente (LAPLANCHE, 1996, pp. 190-199), por isso mesmo, não são portadoras de um enigma, já que constituem o próprio inconsciente do adulto. O não traduzível não pode ser incorporado justamente por seu caráter de intromissão. Trata-se de um desligado sem fixação ao inconsciente, sem articulação simbólica, que se manifesta no corpo e em comportamentos compulsivos, produzindo empobrecimento significativo dos recursos psíquicos do sujeito.

Simbolizações de transição – Silvia Bleichmar

Silvia Bleichmar parte das ideias de Jean Laplanche, mas ao longo de sua trajetória enriquece seus desenvolvimentos, especialmente a partir de seu trabalho com crianças e dos seus estudos sobre o recalçamento originário, desde onde aprofunda seu conhecimento e suas pesquisas em relação aos tempos mais primordiais do psiquismo. A autora também define que a função materna, além de sexualizar o *infans*, exerce função de ligação, que se estabelece através de sua observação atenta e afetuosa em seus cuidados para com o bebê, função possibilitada por um *narcisismo transvasante*, proveniente das constelações egoicas maternas, que lhe permite identificar o filho e, ao mesmo tempo, reconhecê-lo em sua diferença, como algo da ordem do amor que transvasa o outro no sentido narcísico. As ligações vão se estabelecendo a partir desse envoltório narcísico oferecido à criança, que possibilita a função de ligação preparando, assim, o terreno para a constituição do Eu e do pré-consciente e, assim, enriquecendo as possibilidades da função tradutiva. A falha do processo de narcisização em função das dificuldades egoicas da mãe pode dificultar a estruturação do Eu capaz de fazer frente às pressões das excitações e a incipiente economia psíquica não consegue se organizar, colocando em risco o funcionamento psíquico global.

A autora parte da ideia de um aparelho psíquico aberto ao real que se constitui através de inscrições oriundas do exterior, em que nem todas as representações se originam do recalçado e, por isso, algumas delas não podem ser trabalhadas através da interpretação pela via da associação livre, sendo a ligação nesses casos a estratégia terapêutica principal. E é no desenvolvimento desse tipo de intervenções que nos deteremos, denominadas pela autora como *simbolizações de transição*, que, através de *pontes simbólicas*, podem ligar aqueles elementos que não são passíveis de interpretação (BLEICHMAR, 1998, pp. 31-58).

Silvia Bleichmar propõe um aparelho que, ao mesmo tempo que se constitui como originário, deixa elementos soltos, desligados, da ordem do arcaico. Toma as primeiras marcas do psiquismo

como inscrições que podem tornar-se representações-coisa, no caso de serem recalçadas. Dessa forma há, no psiquismo, elementos soltos da ordem do arcaico, que podem nunca ser transcritos, outros que podem vir a ser representação-coisa e elementos que podem vir a ser representações-palavra, secundariamente recalçados. O que a autora propõe ao trazer o tema do arcaico, relaciona-se àqueles elementos que não se fixaram ao inconsciente recalçado, escapando ao processo de transcrição/tradução, o que corresponderia ao que Laplanche apresenta como inconsciente encravado, como o lugar onde estariam as inscrições que permanecem sem trabalho psíquico algum, um espaço onde permaneceriam todas as mensagens não traduzidas.

Para ela, o arcaico e o originário respondem a dois modos de processamento psíquico e definem duas formas de intervenção. Um signo de percepção que se liga e é recalçado pode transformar-se em algo da ordem do originário e essas inscrições que vão se ligando dão origem a um entramado de base onde se assenta o originário. Enquanto isso, o que fica desligado, o que não se fixa ao inconsciente é da ordem do arcaico (BLEICHMAR, 2009, pp. 292-295). Bleichmar assevera a importância de avaliar a materialidade dessas representações para saber o que fazer com elas. Interpretá-las? Ligá-las?

A autora rastreia os signos de percepção propostos por Freud na “Carta 52” (FREUD, 1896/1991, pp. 274-280) como um modo de inscrição passível de transcrição. Sua origem estaria em indícios que não são símbolos de nada, mas que operam na estruturação do entramado simbólico de transição. Tornam-se símbolos quando o sujeito se constitui e possui um código de interpretação. Ao mesmo tempo, são elementos psíquicos que aparecem nas modalidades compulsivas do psiquismo, nos referentes traumáticos não sepultáveis pela memória e pelo esquecimento, desprendidos da vivência dos primórdios da vida, não articuláveis (BLEICHMAR, 2015, p. 33).

Bleichmar estabelece ainda a diferença entre indícios e signos de percepção, propondo que os indícios são elementos desprendidos do real, metonímicos em relação aos objetos, fragmentos metabólicos de algo da experiência, enquanto os signos de percepção são representações ativadas (ou freadas) em seu encontro com o objeto do mundo e, estando muito investidas, tendem a tomar a seu encargo toda a energia psíquica (*Id., ibid.*, p. 309).

O conceito de signo de percepção é retomado por psicanalistas que se ocupam do estudo do traumático. Em Freud, tem a ver com resíduos transcritos de elementos que vêm do exterior e que ingressam no aparelho. Esse real existente exterior converte-se numa realidade própria, em um signo de percepção, um signo que se torna algo em si mesmo. Uma inscrição que não é signo de nada, mas “quando se encontrar com algo da ordem do real, esse real lhe fará signo, porque é algo que está inscrito como um signo de percepção, que é uma representação vinda do externo, com caráter metonímico do objeto de proveniência, e não metafórico” (*loc. cit.*).

Comentários em relação ao conceito de construção

Em Freud, o conceito de construção aparece ligado a repetição e ao que não se pode pôr em palavras. Tem como propósito restituir um fragmento da história infantil esquecida e, na medida em que o próprio analista também não o conhece, toma-o da teoria. O que Freud propôs, através da construção, foi uma teorização no ponto em que as associações se esgotam, buscando recuperar a historicidade, embora muitas vezes atravessada pelo enlace entre a história individual e certa universalidade do Édipo. O analista toma algum dado histórico do paciente ou algum elemento teórico e faz uma construção que utiliza para propor o enlace que falta (BLEICHMAR, 2015, p. 413).

Mas Bleichmar lembra que o esquecimento de um fragmento da história infantil nem sempre está ligado à possibilidade de que tenha havido amnésia. Algumas vezes as representações podem ter sido produzidas num momento em que não havia um sujeito que recordasse e, portanto, o fragmento não faria parte do patrimônio subjetivo do mesmo. A amnésia infantil não é somente consequência da ação do recalçamento, podendo, por vezes, ocorrer quando não há um sujeito que recorde e, portanto, o elemento que falta não faz parte do seu patrimônio subjetivo.

A autora questiona também o fato de a construção ser proposta por Freud como uma progressão no tempo, afirmando que, na medida em que um traumatismo severo na vida adulta é atual, não estamos diante de um fragmento esquecido da infância (*Id., ibid.*, p. 361). E mais: é fundamental que o enunciado teórico proposto pelo analista, assim como o fragmento histórico oferecido para preencher a falta existente, tenha relação com restos da experiência vivida pelo paciente, comprovados pela possibilidade de associações do mesmo. Caso isso não ocorra, serão espécies de *próteses* que apenas cumprem aparente e temporariamente o objetivo de recuperar a história infantil, possivelmente tornando ainda mais complexo o resgate desse espaço do não traduzido.

Intervenções simbolizantes

Nas *intervenções simbólicas* propostas por Bleichmar, um dos aspectos centrais deste texto, diferente do que ocorre nas interpretações de conteúdos do inconsciente, a função do analista é tomada por ela como equivalente da função de *rêverie* materna, tal como proposta por Bion, que seria a capacidade de a mãe/analista *pensar o outro*. Fazendo referência a uma afirmação de Piera Aulagnier, Bleichmar diz que o analista não é a memória de vida do paciente, mas a memória de sua análise, e complementa essa ideia, dizendo “que o paciente pode fazer sua história, se o analista pode recompor com ele elementos dessa história” (*Id., ibid.*, p. 415).

Afirma a autora que a construção, como qualquer intervenção simbolizante, é simplesmente um elemento de transição, proposto como uma ponte a partir da qual se começa a pensar. Não

pretende ter o nível de convicção de uma interpretação. Seria apenas um lugar de partida, como são todos os fragmentos simbólicos que se propõe. Nesse sentido, são pontes simbólicas de transição, para estabelecer nexos naqueles casos em que há uma fratura na simbolização.

Trata-se de um recurso que só pode ser empregado quando se está diante do não traduzido, da ordem do arcaico, altamente perturbador para o paciente que não pode associar. E, quando isso ocorre, o analista não estaria interpretando, mas, como diz Bleichmar, produzindo um entretecido simbólico (BLEICHMAR, 2015, pp. 414-417).

Diz a autora que o importante é

que esse elemento metabolizável permita criar possibilidades associativas e sair de um terreno pantanoso, não só na análise, mas também, do lado do paciente, em sua vida em geral, sobretudo nos traumatismos muito severos. Isto eu penso para situações traumáticas graves ou elementos retomados de histórias muito traumáticas (*Id., ibid.*, p. 418).

Bleichmar introduz o conceito de simbolizações de transição como a possibilidade de oferecer um nexo para a captura dos restos do real. Essa técnica permite a apropriação de um fragmento representacional que não pode ser apreendido pela livre associação e cujo significado escapa e insiste com frequência como compulsão (*Id., ibid.*, p. 40). As simbolizações de transição caracterizam-se pela implantação de contextos que foram relatados ou conhecidos por ocasião do processo de cura (informações fornecidas por algum familiar, por exemplo), embora ainda não tenham sido relacionados com o elemento emergente.

O caráter metonímico do objeto que é retranscrito na análise assume caráter metafórico, mas ainda insuficiente, sendo que o principal do elemento traumático é o elemento metonímico, não metafórico. O traumatismo se caracteriza por arrastar restos do vivenciado e a metáfora é a forma de simbolização daquilo que ficou ali, sem ancoragem, mas requer o reconhecimento de sua especificidade, porque foi onde encontrou os elementos investidos, excitantes, que o encarnam. Antes de uma interpretação é fundamental

reconhecê-lo como resto do real vivenciado, significá-lo nessa ordem e relacioná-lo ao objeto originário no contexto da relação de transferência. Se não for feita desse modo, a interpretação não tem o menor valor para o sujeito. Nisto consiste o operador que chamo de “simbolizações de transição”, pontes, autotransplantes, nos quais o analista inclui inevitavelmente a perspectiva teórica, mas a entretece com os restos vivenciais e excitantes das representações de quem as padece (*Id., ibid.*, p. 43).

Segundo a autora, quando trabalhamos com patologias graves ou mesmo quando estamos trabalhando num momento não neurótico de qualquer paciente, eventualmente chegamos num

ponto em que a associação se detém e é necessária uma tomada de posição diante da falta da associação. Na verdade, isso que não está recalcado nem repudiado, que está em estatuto como que de latência psíquica e que, muitas vezes, produz um quadro grave, carece de um organizador simbólico, de uma ponte simbólica. O que Bleichmar sugere é a possibilidade de produzir aí uma representação, uma simbolização de transição, dada pela materialidade mais próxima daquilo que possibilite retomar e recompor o caminho. A grande questão não é interpretar esses fragmentos do real vivencial, mas estruturá-los de algum modo e não os perder no conjunto, resgatando o caráter do traumático para chegar a uma simbolização segunda. Caso isso não aconteça, formam-se os núcleos mais patológicos que insistem sem metabolização psíquica (BLEICHMAR, 1998).

Diante de situações de traumatismo, os elementos são inscritos, mas não se fixam no inconsciente, avançando todo o tempo pela tópica. O problema não é o recalçamento, mas o fato de que algo não pode cair na amnésia, aparecendo como uma ação compulsiva, por exemplo. Se o que determina essa formação tiver relação com o inconsciente, a solução seria interpretar, mas se o determinante estiver relacionado com o inconsciente, embora não sendo parte da emergência do mesmo, tem que ligar. Esta é a ideia de simbolizações de transição proposta por Bleichmar. Há que reordenar de algum modo esses elementos através de uma ponte simbólica diante de conteúdos que não podem ser interpretados e diante da impossibilidade de o paciente associar sobre eles (*Id., ibid.*).

A perlaboração pelo sonho – Christophe Dejours

Corpo e traumatismo

Christophe Dejours dedicou-se a importantes estudos sobre o corpo e a psicossomática, antes de conhecer Jean Laplanche, sendo esta uma das diferenças do desenvolvimento teórico de ambos. Apoiou-se na teoria da sedução generalizada de Laplanche, passando a incluí-la em seus estudos sobre as patologias não neuróticas. Além disso, formulou uma hipótese relativa a uma terceira tópica, compartilhada por Laplanche anos depois, sendo que este conceito é reconhecido como tendo sido construído por ambos. Embora estejam de acordo com a ideia central referente à existência de dois inconscientes independentes entre si, existem divergências em relação a alguns pontos, entre os quais gostaríamos de marcar aqui a diferença proposta em relação a um dos inconscientes. Ambos estão de acordo que o *inconsciente sexual ou recalcado*, que está na origem das pulsões; é constituído a partir dos restos não traduzidos da mensagem enigmática (enviada pelo adulto ao *infans*). A discordância se dá em relação ao outro inconsciente, onde as mensagens permanecem tal qual no psiquismo, porque não foram traduzidas. Enquanto Laplanche refere-se ao ‘inconsciente encravado’, no qual se encontram mensagens à espera de tradução e outras praticamente impossíveis de traduzir, situando a causa no plano da ausência

do código de tradução, Dejours refere-se ao *inconsciente amencial*, onde se encontram mensagens secundárias a um primeiro acontecimento que tem relação com a natureza da mensagem – frequentemente a violência do adulto –, um *acidente de sedução* que gera impossibilidade total de pensamento e de tradução da criança.

Voltando-nos especificamente às ideias de Dejours, ele propõe o tema do corpo em sua dupla dimensão: biológica e erógena. O primeiro corpo, o biológico, está dado desde o nascimento e o segundo, o erógeno, tem origem no primeiro, sendo o resultado da relação entre o adulto e a criança. Através dessa relação deve ocorrer uma subversão libidinal da ordem biológica em proveito da gênese da ordem erótica. Dejours leva em conta também a questão do afeto para situar a forma como o corpo se revela para si mesmo. A experiência do corpo, o que é sentido nele constitui, para o autor, o ponto de partida para a construção da subjetividade (BEHR *et al.*, 2020, p. 71).

Enquanto Freud propõe que o corpo erógeno tem o apoio da pulsão na função fisiológica, num processo endógeno que funda a sexualidade psíquica, para Dejours o sexual vem do encontro do outro com o *infans*, e as partes do corpo que se constituíram em zonas erógenas serão paulatinamente subvertidas com a instalação do segundo corpo. Assim, este surge quando a necessidade se desvincula parcialmente do instinto e a pulsão passa a reger o sexual.

Tomando como base a Teoria da Sedução Generalizada, Dejours afirma que a relação entre a criança e o adulto que se ocupa dela se dá inicialmente através do corpo, embora esses cuidados não se restrinjam ao autoconservativo, uma vez que o adulto está atravessado pelo sexual que inevitavelmente se faz presente nas mensagens que envia à criança. Nessa relação assimétrica, o *infans* fica dominado pelo adulto que se ocupa dos seus cuidados básicos. O contato com seu corpo desencadeia, no adulto, fantasias inconscientes que se relacionam com suas próprias vivências. Como diz o próprio Laplanche: “as fantasias mais antigas voltam a se movimentar no adulto, pelo aparecimento desse pequeno ser, desse outro EU-mesmo em outro tempo, entregue aos cuidados corporais mais deliciosos e talvez mais perversos” (LAPLANCHE, 1999, p. 189).

A partir disso, o adulto emite à criança mensagens enigmáticas pré-conscientes/conscientes, comprometidas pelo seu inconsciente, que a levarão a uma tentativa de tradução das mensagens. Para Dejours, essa tradução não tem relação direta com a mensagem que a criança recebe do adulto, como propõe Laplanche. O que ela tenta traduzir é o que ela sente em seu corpo, onde a mensagem se implanta, dando início, então, à formação do corpo erógeno (DEJOURS, 2019, p. 8). Entre essa experiência dos dois corpos e a tradução é necessário um trabalho psíquico, de ligação da excitação que se manifesta no corpo na forma de prazer sensual. O corpo intervém como detentor de um primeiro poder de tradução.

O processo de subversão libidinal se inicia, então, através da intersubjetividade. A excitação

que nasce no corpo da criança, sua atividade de tradução, a apropriação dos jogos com o seu próprio corpo “é já uma perlaboração antes da linguagem. É uma apropriação do corpo pelo corpo [...] essa tradução é inevitavelmente imperfeita, deixando um resto não traduzido, o que não foi traduzido insiste e tende a voltar, mas dessa vez do interior, constituindo a gênese da sexualidade infantil” (KANABUS, 2015, p. 336).

O adulto desencadeia na criança excitações que devem ser metabolizadas por ela, que têm origem no próprio inconsciente dele e que se constituem como uma situação traumática em função da assimetria existente entre ambos. Mas esse encontro pode também provocar no adulto, em função daquilo que é acionado dentro dele, reações desproporcionais ou inadequadas, que podem levar a um agir extremamente violento em relação à criança, como, por exemplo, abusos, agressões ou abandono.

Ao mesmo tempo, essa violência que provoca sobrecarga de excitação no *infans* pode ocasionar transbordamento ou fragmentação do seu EU, assim como dificultar seu pensar e sua capacidade de traduzir. A função do corpo engajada na *ação expressiva* fica proscrita da subversão libidinal. “O corpo ficaria como que mutilado. Tudo isso seria determinado, então, por situações traumáticas graves originadas na relação entre adulto e bebê, que configuram os *acidentes de sedução*” (DEJOURS, 2019, p. 126). Justamente esse impedimento do pensar foi a razão pela qual Dejours denominou o inconsciente, onde se alojam os elementos desligados do psiquismo, de *amencial* (na perspectiva da terceira tópica). Enquanto o que pertence ao inconsciente sexual recalcado se expressa como corpo habitado, corpo dos jogos eróticos, o que faz parte do inconsciente amencial se manifesta por impotências, zonas inabitadas e frias do corpo, que não contribuem com a sensualidade nem com a vida erótica, as quais são proscritas (*Id.*, 2020, pp. 18-47).

Esses excessos podem também determinar na criança uma desestabilização que se manifesta através de crises somáticas, episódios violentos de passagem ao ato, com explosões de raiva, ou desestruturação da tópica psíquica, não raro com estados de confusão mental e intensa angústia (BEHR *et al.*, 2020, p. 73).

Ao ser incluída a violência do abandono como fator que impede a criança de pensar e, portanto, de traduzir determinados conteúdos incluídos no inconsciente amencial, é fundamental que se faça uma diferenciação entre a violência física que atinge diretamente o corpo da criança (impedindo que o mesmo se desprenda do corpo biológico e passe a ser parte do corpo erógeno) e a violência de abandono vivida por ela em função de profunda indiferença ou intenso ódio do adulto encarregado de seus cuidados. Embora o pequeno ser, nesse caso, não necessariamente apresente o corpo biológico ou parte dele gravemente cindido do corpo erógeno, por certo ocorrerá grave cisão entre corpo e psíquico, porque seu psiquismo, seu EU, não corresponderá a sensações provindas de seu próprio corpo biológico (*Id.*, *ibid.*, p. 74).

Dejours e o sonho

Diferente da proposta laplancheana em que as mensagens não traduzidas se mantêm no inconsciente encravado em espera de uma tradução, Dejours pensa que a única via de acesso ao que foi proscrito é o sonho. A capacidade onírica de formar imagens permite que ocorra uma figuração daquilo que estava até então não traduzido e que assim já pode aparecer para o sujeito. Esse é um processo que, segundo o autor, é capaz de remanejar profundamente a estrutura clivada, uma vez que é a partir desse trabalho que o conteúdo do inconsciente amencial pode ser transferido para o inconsciente sexual recalçado. Essa reconquista ocorre através do trabalho que Dejours denomina *perlaboração pelo sonho* que reapropria os jogos corporais que estavam banidos (em função do seu caráter violento) do circuito da tradução e do recalque (BEHR *et al.*, 2020, p. 81).

É através da regressão formal, uma das exigências a que estão submetidos, segundo Freud (1900/1991, pp. 345-354), os pensamentos do sonho, que os protopensamentos que estão no amencial se tornam imagens e são apreendidos pelo trabalho onírico, podendo ser, assim, reapropriados a uma outra ordem de subjetividade. Ocorre, dessa maneira, uma figuração dos jogos corporais anteriormente proscritos pelos acidentes de sedução que são, com isso, recuperados. Porém isso não acontece através de interpretações exaustivas do analista, mas pelo trabalho do sonho, do engajamento do corpo, de gestos que expressam os jogos corporais que serão reapropriados. Assim, os registros corporais expressivos podem ser expandidos, o que possibilita ao sujeito ter acesso a novos registros de sensibilidade e a uma nova capacidade de experimentar os afetos do corpo.

Os pensamentos latentes produzidos em análise podem ser o material desses sonhos, mas a recomposição ocorre essencialmente através do trabalho do sonho. O sonho não é uma tradução, mas uma figuração daquilo que foi proscrito. É dessa forma que o proscrito pode ser reconquistado pelo sujeito e transformado em memória a partir daquilo que se toca transferencialmente. O que é mobilizado pela relação transferencial e, posteriormente, aparece no sonho, dá ao paciente a possibilidade de resgate de experiências traumáticas vividas na sua maioria muito cedo na vida, sobre as quais ele agora pode falar.

Dessa maneira, aquilo em que se toca no trabalho de análise e poderia desencadear uma crise somática ou psicótica, já pode ser abordado através da fantasia, o que amplia os registros expressivos do corpo e dá a capacidade de reintegração desse conteúdo ao circuito psíquico. Assim, o motor inicial do processo de perlaboração pelo sonho é a transferência, que mobiliza o amencial e provoca uma tensão que, se não desencadear uma crise, fica em latência até poder se manifestar durante o sono, através do sonho.

O trabalho de perlaboração pelo sonho proposto por Dejours se distancia do pensamento freudiano, na medida em que propõe ao sonho um poder de transformação. Do mesmo modo

que o sonho traumático de Freud, os conteúdos que aparecem durante o sono estão desligados no psiquismo e repetem situações traumáticas vividas pelo paciente. Porém o aparecimento onírico desse material, para Dejours, oferece a possibilidade de reintegração ao inconsciente recalçado de elementos que estavam no inconsciente amencial, o que pode promover profunda modificação da tópica psíquica. Segundo o autor, “do que não era habitado, não vivido, do que se escapava à vida, algo pode ser retomado” (KANABUS, 2015, p. 334). Há, assim, uma passagem da experiência vivida à sua simbolização.

Dejours explica como aceder a essa experiência subjetiva do corpo, afirmando que a única passagem possível é a palavra, e o analista só tem acesso ao sonho através da palavra do paciente que conta o sonho.

Quando falo a alguém, quando me ouço falar sobre a minha experiência das coisas que desconhecia porquanto não as tinha dito, dou-me conta de que falar a alguém é o mais poderoso meio de pensar, de transformar e de fazer passar de uma certa forma esse padecer fundamental que se experiencia (*loc. cit.*).

Ao mobilizar a zona amencial, a transferência permite, através do processo de perlaboração pelo sonho, que zonas inabitadas do corpo sejam endereçadas a outro lugar. Contudo, Dejours alerta que há também aí o risco de desestabilização da tópica psíquica, podendo causar no paciente um excesso de violência ou de angústia. A escolha do que dizer ou até mesmo a decisão de dizer algo em determinado momento para o paciente colocam o analista diante de uma opção técnica por vezes perigosa. Se o analista optar por não dizer, poderá perder a oportunidade de oferecer ao paciente uma hipótese capaz de ajudá-lo a se apropriar da possibilidade de lidar com o seu corpo e habitá-lo sem perigo. Mas se disser, correrá o risco de levar o paciente a um estado de crise ou, quem sabe, provocar um sonho a partir do que estava em estado de latência. Essa é a prova de que, ao aparecer no sonho provocado pela relação transferencial, ao não causar mais medo ao paciente, o registro até então proscrito permite ao paciente finalmente falar sobre ele. É a via da transferência que efetivamente permite a perlaboração pelo sonho (*loc., cit.*). E é assim que surge a possibilidade de o paciente falar sobre aquilo que estava mudo dentro dele. As imagens que então afloram em sua cabeça e podem ser contadas conduzem a lembranças que poderão ser incluídas em sua história, aumentando assim o seu saber de si.

Dessa maneira, o sonho, segundo Dejours, se situa no cerne do processo de cura, uma vez que é considerado não apenas um testemunho do inconsciente, mas um verdadeiro construtor de memória psíquica. “Pelo recalque, o sonho produz memória e, ao criar novas cadeias associativas, trata a angústia, ligando a excitação” (DEJOURS, 2019, p. 59). Ou seja, o sonho faz com que as experiências da vida de vigília sejam retomadas pelo psiquismo, sendo, assim, reintegradas à construção da história do sujeito, reorganizando seu funcionamento psíquico.

Palavras finais

As propostas teórico-clínicas apresentadas aqui permitem concluir que as elaborações e discussões dos autores citados propõem e reafirmam que a possibilidade de não tradução de elementos inscritos no psiquismo se dá pelos excessos traumáticos que ocorrem, na maioria das vezes, durante a infância e que obstaculizam o trabalho psíquico de tradução e de simbolização, a articulação com outros elementos do psiquismo e a transcrição para o inconsciente recalçado. Novas formas de intervenção se fazem necessárias diante de patologias que não se pautam predominantemente pelo recalçamento, pelo conflito entre os sistemas e pelo sintoma.

Embora Bleichmar e Dejours tenham mantido importante identidade com o pensamento de Laplanche, percorreram caminhos diferentes para propor novos recursos da técnica que permitem ampliar as condições de analisabilidade das patologias não neuróticas, encontrando uma clínica capaz de fazer frente ao intraduzível, sem abandonar aquilo que é fundamental na psicanálise.

A partir de Bleichmar, a evidência de lacunas psíquicas que se estabelecem em razão de signos de percepção não recalçados, que definem uma predominância de elementos arcaicos na tópica, tendo como origem traumatismos severos e muito do início da vida e/ou a pobreza de investimentos narcísicos maternos que determinam sérias falhas na constituição egoica e na representação do EU do *infans*. Da parte de Dejours, falhas na constituição do corpo erógeno e na produção de pensamento da criança que, a par de determinarem dificuldades na sexualidade do sujeito, impedem a tradução do desligado que ingressa no psiquismo. A origem estaria determinada por reações extremamente antigas e traumáticas do adulto, tanto de violência física como de abandono, que surgem do que é acionado em seu inconsciente a partir do contato com o corpo da criança.

Segundo Laplanche, a prática analítica tem por significação latente e por meta voltar a pôr em jogo o conflito originário copernicano, aquele que deu nascimento ao jogo de forças secundário e ao conflito derivado, que depois se dá entre o EU e seu outro interno (LAPLANCHE, 1999, pp. 181-198). Com esse mesmo pensar nossos dois autores propõem abordagens que dão conta de uma nova tentativa de estruturação do EU, com a possibilidade de traduções daquilo que nunca foi traduzido, para que o sujeito possa se apropriar de elementos até então excluídos. Uma tradução pode ser possível, através de pontes de simbolização ou da perlaboração pelo sonho uma vez que qualquer mensagem, seja ela implantada ou intrometida, num primeiro momento é apenas inscrita, podendo ficar em estatuto de espera de tradução.

Dessa maneira, a partir da força acionada pela situação transferencial e pela relação com o enigma, o processo analítico, como reabertura do processo originário, tem como meta conquistar o outro externo, fonte de mensagens enigmáticas, verdadeira “pulsão a traduzir” (LAPLANCHE, 1999, pp. 181-196). Só assim, segundo Laplanche, podemos chegar a algo novo, mas que tem sua fonte no originário do ser humano.

Referências

BEHR, K. B.; SANTOS, B. C. dos; CARVALHO, C. S.; BIAZI, M. L. “Marcas corporais, marcas psíquicas. O processo de estruturação do psiquismo no encontro analítico”. *Constructo Revista de Psicanálise*. Porto Alegre, n. 5, 2020, pp. 62-99.

BLEICHMAR, S. “Simbolismo e transição. Modos de intervenção em patologias graves”. Conferência não publicada, traduzida por Sonia Piva e proferida anteriormente à fundação da *Constructo Instituição Psicanalítica*. Porto Alegre, 1998.

_____. “Simbolizações de transição. Uma clínica aberta ao real”, in _____. *Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos*. São Paulo: Zagodoni, pp. 31-58, 2015.

_____. *Inteligencia y simbolización: una perspectiva psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 2009.

_____. *Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos*. São Paulo: Zagodoni, 2015.

DEJOURS, C. *Primeiro, o corpo: corpo biológico, corpo erótico e senso moral*. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

_____. *Psicossomática e teoria do corpo*. São Paulo: Blucher, 2019.

_____. “Os dois corpos”. Conferência proferida na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Porto Alegre, 2019.

_____. “Clivagem e recusa, inconsciente amencial (Dejours), inconsciente encravado (Laplanche): a terceira tópica”. *Constructo Revista de Psicanálise*. Porto Alegre, n. 3, 2020, pp. 18-47.

FREUD, S. (1896). “Carta 52”, in: Freud, S., *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1991, v. I, pp. 274-280.

_____. (1920). “Más allá del principio de placer”, in _____. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1991, v. XVIII, pp. 1-62.

_____. (1900). “La interpretación de los sueños”, VI, in _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1991, v. V, pp. 345-355.

KANABUS, B. (2015). “Christophe Dejours – o corpo inacabado entre fenomenologia e psicanálise: entrevista” (2013). *Psicologia USP*. São Paulo, v. 26, n. 3. Disponível *on-line* em <https://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/109964> . Acesso em 18 de janeiro de 2021.

LAPLANCHE, J. “Implantación, intromisión”, in _____. *La prioridad del otro en psicoanálisis*, Buenos Aires, Amorrortu, 1996, pp. 103-106.

_____. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. “La interpretación entre determinismo y hermenéutica. Un nuevo planteo de la cuestión”, in: *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996, pp. 135-166.

_____. “Metas del proceso analítico”, in _____. *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu, 1999, pp. 181-198.

_____. “Três acepções da palavra inconsciente”, in _____. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Porto Alegre: Dublinense, 2015, pp. 190-206.